

Néquim

NUNO DE CAMPOS

FUNDAÇÃO PLMJ
Av. da Liberdade, 224
1250-148 Lisboa
Portugal

© Fundação PLMJ, 2008
Imagens Images © Nuno de Campos
Textos Texts © Miguel Amado

Todos os direitos reservados. All rights reserved.

Néquim

NUNO DE CAMPOS

Comissariado Curator Miguel Amado

Dedicado a Maria Madalena
Vieira de Campos de Sousa Teixeira
e a José de Sousa Teixeira.

In memory of Maria Madalena
Vieira de Campos de Sousa Teixeira
and José de Sousa Teixeira.



UM «GANG» DE CRIMINOSOS ENTRE OS QUAIS INTERVENIENTES NO ASSALTO AO BANCO DA FIGUEIRA DA FOZ FOI CAPTURADO PELA POLÍCIA

UMA QUANTIDADE DE ARMAS PERI- GOSÍSSIMAS E A MAIS CRIMINOSA ACTIVIDADE ANTI-SOCIAL

FOI na passada terça-feira. Um grupo de perigosos terroristas entrou clandestinamente em Portugal, pela raia seca do distrito de Bragança, por alturas do Vimioso. Horas depois, em Moncorvo, on-

de foram descobertos, e apesar de oferecerem feroz resistência a tiro às forças de segurança que, numa acção conjunta, lhes moveram tenaz

(CONTINUA NA 7.ª PÁGINA)



ESTAS SÃO AS GRAVURAS (ALGUMAS TIRADAS HÁ MAIS DE DEZ ANOS) DOS FACINOROS QUE SE SUSPEITA ESTEJAM EM PORTUGAL MAS QUE AINDA NÃO FORAM PRESOS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: FERNANDO JOSÉ DOS SANTOS BRANCO, MATEUS JESUS FELIPE, LUIS BENVINDO, ANTONIO MANUEL MARQUES, MARU DE BRITO ANOJA MATEUS, CAMILO MORTAGUA

HERMINIO DA PALMA INACIO um dos dirigentes do assalto, à mão armada, em Maio do ano passado, à Agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz, indivíduo que conta as largas actividades delictuosas; JOAQUIM DA SILVA RAMOS, que também tomou parte no referido assalto; CARLOS BILO PEREIRA, conivente na mesma acção criminosa; FILIPE VIEGAS ALEIXO, que tomou parte activa no assalto ao paquete «Santa Maria», em 1961, crime pelo qual foi julgado, à revelia, estando condenado na pena de 18 anos de prisão maior; FERNANDO ALBERTO PEREIRA MARQUES, aventureiro que esteve durante tempos em Bruxelas e pelo menos desde Novembro de 1967, vivia em França; e JOAO JOSE SILVA GUERREIRO, «O SILVA CABANITA», igualmente um aventureiro sem profissão, vivendo ultimamente em Paris.

Os terroristas vieram de França utilizando um automóvel de matrícula francesa.

Todo o tenebroso plano havia sido minuciosamente preparado

De França para Espanha atravessaram a fronteira utilizando passaportes falsificados. De Espanha para Portugal preferiram não se arriscar a ser reconhecidos num posto fronteiriço e utilizaram a entrada clandestina. O plano foi minuciosamente preparado. Junto da raia, próximo de Vinhoso, aguardava-os um automóvel «Mercedes», que fora alugado no Porto e para ali foi conduzido pelo ex-estudante FERNANDO JOSE DO SANTOS BRANCO, que há algum tempo se junta a aqueles terroristas em Paris e

ultimamente entrara também clandestinamente no País. De notar que este indivíduo há pouco mais de um mês, escapou de ser preso, ao último momento, a uma diligência de agentes da Polícia Internacional.

Conseguiu agora voltar a fugir ao cerco que as forças de segurança lhe moveram no Norte e no Centro do País e é activamente procurado pelas autoridades, incorrendo em penas da Lei quem lhe der guarida.

Duas amantes em Paris e vida faustosa e depravada graças ao roubo da Figueira da Foz...

Como é do conhecimento público, o espectacular roubo ao Banco da Figueira da Foz rendeu os ladrões quatro mil contos — valor

que os assaltantes conseguiram aproveitar dos 29 mil contos que levaram, visto ser a parte do roubo constituída por notas já em curso. Esse dinheiro possibilitou aos ladrões entregarem-se, mais tarde, a uma vida faustosa e depravada em Paris, onde se radicaram.

Sabe-se que dois dos principais cabeças sustentam na capital francesa duas amantes, facto classificado como ultrajante mesmo entre os mais acérrimos comunistas portugueses que vivem ali.

...Que serve no final para comprar armas a utilizar noutra acção terrorista

Quatro mil contos é muito dinheiro, e daria para satisfazer as necessidades mais prementes de muitas centenas de trabalhadores portugueses. Mas gasto em acabares desaparece como fumo.

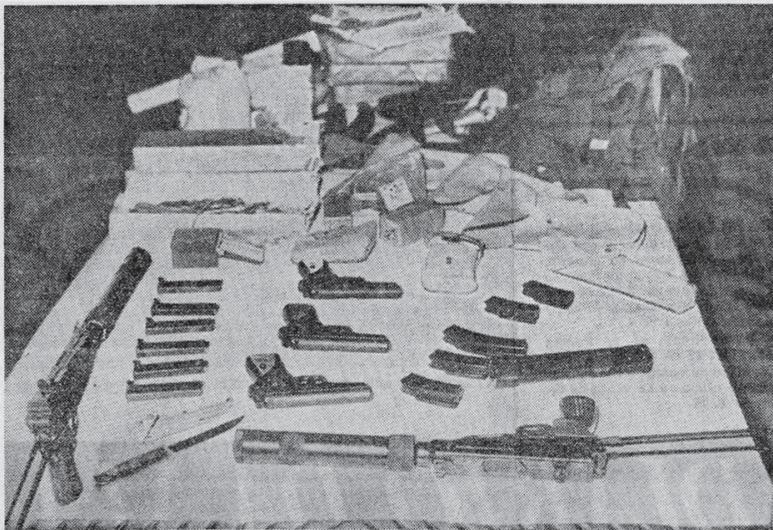
Os quatro mil contos, passado pouco mais de um ano, estavam prestes a acabar. Havia que encontrar uma solução e para grandes males... grandes remédios. Férteis em imaginação e sem escrúpulos de qualquer espécie, os terroristas logo a encontraram: tentar novo golpe. E aliás, uma atitude que se couda inteiramente com a mentalidade de todos os criminosos: repetir actos cometidos e voltar ao teatro do crime.

Resolveram, pois, ainda que tristes por se verem privados por algum tempo das noites de arde que se sucedem ininterruptamente, a utilizar os últimos tostões, em comprar armas mortíferas — indispensáveis para concretização dos macabros planos.

Um quilo de «plástico» chega para fazer ir pelos ares um prédio — traziam 17 quilos

Não lhes foi difícil adquiri-las. Já mencionámos, por alto o arsenal de que se muniram.

Resta acrescentar, neste capítulo, que as quatro metralhadoras apreendidas são do último modelo ainda não eram conhecidas em Portugal.



ALGUM DO ARMAMENTO APREENDIDO AOS TERRORISTAS

Com um raio de acção que ultrapassa os dez metros de distância, apetrechadas com silenciadores que sbram quase totalmente o ruído de disparo, podem ser transportadas de baixo do casaco, sem que se dê por tal.

Além disso, traziam também cerca de 17 quilos de bombas de material plástico. Para a maioria dos pacíficos nove milhões de portugueses este material é totalmente desconhecido. Pois bem, o plástico aparentemente é um bocadinho de pasta, de cor preta, que apte a utilizar em inofensivas esculturas — tal como o fazem as crianças em brincadeiras de moldagens. Infelizmente a realidade é muito diferente. Um apontamento diz tudo: menos de um quilo de plásticos chega, à vontade, para fazer ir pelos ares um prédio e tudo o que ele contém.

Nem o algodão, nem o desfrizador para o cabelo foram esquecidos

Nada foi esquecido no criminoso plano agora descoberto.

Entre o material bélico, que vinha acondicionado em dois grandes sacos militares e com dezenas de correias (das do tipo utilizado pelos pára-quedistas para transporte) viam-se algodão (comprado em Espanha e possivelmente para a eventualidade de algum se ferir), frascos de tinta (para cobrir o plástico que se colocasse, por exemplo, em automóveis) e, ainda, um desfrizador de cabelo (a utilizar em caracterizações, para dificultar o reconhecimento das identidades).

Proezas dos facinoras — alguns dos quais ainda não foram presos

Revelámos já a identidade dos facinoras presos. Além deles e das suas principais proezas, as autoridades prenderam também na passada terça-feira, um outro indivíduo, DANIEL JOAQUIM CAMPOS DE SOUSA TEIXEIRA, que residia ultimamente na Bélgica (em Bruxelas) e entrara há cerca de três semanas no País, para apoiar aqui os companheiros.

Entretanto, as autoridades foram alertadas quanto à possível presença no nosso país, de outros terroristas, que normalmente residem em Paris, e se sabe não estarem presentemente ali. Usam falsas identidades e são, entre outros: GERMA-

NO DE JESUS FILIPE e LUIS BENVINDO (ambos implicados no assalto ao paquete «Santa Maria» e que não hesitam em arir a matar); ANTÓNIO MANUEL MARQUES BARRACOSA, MÁRIO DE BRITO ARROJA MATEUS e CAMILO TAVARES MORTAGUA (este o assassino do comissário Nascimento Costa, do «Santa Maria»).



Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira - 23.º 88 -
- 24457

N.º 28074

Altura 1,735

Côr Mestica

Sinais particulares

Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha

Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira

Estado

Solteiro

Profissão

Estudante

Naturalidade

Sebastião da Pedreira - Lisboa

Data do Nascimento

24-3-1946

Filiação

José de Sousa Teixeira e de Maria Vieira Campos de Sousa Teixeira

Residência

Rua Presidente Wilson, nº 4-2.º B. - Lisboa

Outras indicações

Cliché nº 24457.

Proc. V. Carvalho Reg.º 1595/68

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

BIOGRAFIA PRISIONAL

Caso pela Direção em 21-1-68, na área de Inocência, por actividades
contra a Segurança do Estado, tendo recolhido à Cadeia de Casinas - O.P.
26/68 - Proc. 1461/68 Em 24-10-68 entrou no Hospital de São José em
de cura e faleceu na mesma data - O.P. 306/68.

SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO



Na LUAR, não tive tempo para sequer pensar 2008
At LUAR I didn't even have time to think 2008







LIGA DE UNIÃO E DE ACÇÃO REVOLUCIONARIA

L.U.A.R.

PORTUGAL

1 - No dia 20 de Agosto de 1968 foi preso em Trás-os-Montes um comando armado da LUAR dirigido por Inácio Palma. Em comunicado especial a PIDE anunciava estas prisões e referia-se a outros grupos da nossa organização, animados segundo ela, de intenções - terroristas - ; sugerindo-se que a sua prisão não tardaria. A polícia comunicou ainda a apreensão de uma importante quantidade de armas e munições.

Com efeito, existiam outros comandos da LUAR, que deveriam concretizar a acção. Não obstante um aparelho repressivo nunca visto e especialmente montado para os aniquilar, a polícia nada conseguiu, graças ao apoio que a população lhes deu.

Por outro lado, é hoje do domínio público, que foi um lamentável incidente de viação, que a organização não foi capaz de prever, que provocou a prisão de Inácio Palma e dos seus companheiros. E desde já é de salientar o de só se terem rendido depois de esgotadas as munições, cercados por consideráveis forças de polícia com cães, e não sem que primeiro tivessem ferido agentes da repressão.

A famosa PIDE de nada sabia, nada previra, e não estava preparada para reagir. Finalmente, levado pelas aparências de um triunfo fácil, o regime confessou ao Povo Português dois factos muito importantes :

- a) - Que o assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz em 17 de Maio de 1967, foi obra de uma organização Política, a LUAR, e não de gatunos. Ou seja : o regime confessou que tem andado a mentir um ano inteiro ao Povo Português e aos países estrangeiros aos quais pediu a extradição de - ladrões -.
- b) - Que a LUAR está decidida a cumprir as suas promessas de lutar efectivamente pela libertação do Povo, a destruir pela luta armada o regime de opressão. Mais : não se trata de um pequeno grupo desesperado e desamparado, mas de uma força que cresce, embora jovem. Desta vez entraram em acção algumas dezenas de homens, apoiados por bastantes outros, dentro e fora do País.

2 - E preciso dizer toda a verdade ao Povo. A acção iniciada falhou, alguns valorosos combatentes estão hoje nas garras da PIDE, ficamos sem algum material. Tudo isto é mau, não vimos aqui dar desse falhanço, desculpas de mau pagador. A única desculpa, serão as nossas próximas acções. O que pretendemos, isso sim, é explicar o que somos fazer e como, destruir a lenda do - terrorismo - e esclarecer as nossas intenções.

Quando foi preso, Inácio Palma dirigia uma operação conjunta de grupos armados da LUAR. Esses grupos estavam a convergir para a Covilhã. Tratava-se de tomar essa Cidade, de a ocupar durante algumas horas, anulando a acção das forças repressivas. Reunir-se-iam então com a população para falar dos grandes problemas nacionais e deixar estabelecida na região uma testa de ponte político militar. Não pretendíamos aguentar um reduto, tarefa por ora excessiva e que seria paga pelos sofrimentos da população.

A nossa força começa pelas armas. Sabemos que face aos instrumentos repressivos da ditadura, a maioria do Povo Português terá de sentir-se armada para realizar combates decisivos. Mas a força militar não basta : são necessárias greves, propaganda, manifestações populares.

As nossas armas estarão ao serviço de uma política. Essa política consiste em transformações profundas na terra, na indústria, no comércio, na saúde, na assistência, no ensino, enfim, em toda a vida económica e social do País. Consiste ainda em acabar com a guerra colonial, para colaborar estreita e amigavelmente com Angola, Moçambique e Guiné Independentes. E, não tenhamos ilusões, só a acção armada nos permitirá conseguir isso.

A operação da Covilhã falhou mas a nossa experiência revolucionária aumentou. A nossa actuação futura o demonstrará.

3 - E preciso dizer toda a verdade. E preciso portanto prestar contas ao Povo, do dinheiro que recuperámos na Figueira da Foz.

O montante desta recuperação foi de cerca de 29.200 contos, dos quais só 4.700 se podiam utilizar sem perigo, uma vez que o restante era constituído por notas de que a PIDE possuía o número que comunicou a todos os Bancos Nacionais e estrangeiros.

Acusando de ladrões os 4 fundadores da LUAR, Inácio Palma, Luís Benvindo, Camilo Tavares Montégua e António Barracosa, que participaram na operação da Figueira, a PIDE conseguiu que os dois primeiros fossem presos em França. No entanto os tribunais franceses acabaram por considerá-los não como ladrões mas pessoas que tinham actuado ao serviço de uma organização Política e pô-los portanto em liberdade.

Perseguidos pela Interpol desde a sua chegada a França, aqueles dirigentes da LUAR procuraram pôr a salvo o dinheiro. E assim, tendo conhecido o Dr. Emílio Guerreiro e os seus amigos José Augusto Seabra e Fernando Echevarria, pessoas que lhes eram indicadas como sérias, não tiveram dúvidas em lhes confiar uma parte das notas marcadas e 109 438 US. dólares, mais 41.000\$00 em moeda portuguesa corrente. Desse dinheiro, foram restituídos à LUAR para despesas de organização, cujo detalhe será apresentado em tempo oportuno, a quantia de 41.100 US dólares aproximadamente.

Neste momento, o Dr. Emílio Guerreiro e os seus colaboradores continuam depositários de cerca de 1.955 contos pertença da LUAR. Contra tudo o que seria de esperar de pessoas tão como honestas, estes indivíduos recusam-se a devolver esse dinheiro. A sua resposta tem-se mantido insistentemente negativa perante

os pedidos feitos pelos dirigentes e fundadores da LUAR, Camilo T. Martiaga, Antonio Barreiros e Luis Revuelto que são, juntamente com Isidoro Palma, agora nas mãos da FIDE, os participantes directos e únicos responsáveis da acção de recuperação do dinheiro do Banco do F. de F. e de todas as acções realizadas pela LUAR.

A LUAR, por decisão unânime dos seus dirigentes e quando responsáveis, considera muito grave esta atitude. A LUAR, considera que ela é tomada deliberadamente para impedir a luta revolucionária que já demonstra estar disposta a levar a cabo.

A LUAR traz este facto a público não porque, como se temo tradicional nas organizações políticas da oposição, escolhe o caminho do escândalo, do levar da roupa suja.

Tais processos não poderiam ser seguidos por quem vê que a única luta válida é a realizada na acção e não nos papéis.

Fossem, consciente da gravidade deste facto, a LUAR não podia deixar de o tornar público antes de aplicar, em momento oportuno, as sanções revolucionárias que o comportamento daqueles indivíduos requirem.

4 - A LUAR escolheu a luta armada para obter o aniquilamento do regime reaccionário que oprime o Povo Português. Ao fazerem esta escolha estiveram conscientes das dificuldades enormes que tinham ter.

A LUAR, e com ela a acção revolucionária perdeu nas últimas semanas 9 valerosos combatentes, alguns masculina da guerra e pretendem privá-la de cerca de 1.995 contos. A eventual perda deste dinheiro é importante, muito mesmo. A sua falta não seria decisiva. Criação de dificuldades certas, não impossibilitaria nada. Não voltamos a este assunto seja sob que pretexto for, antes de voltarmos a agir. A LUAR não morreu nem abandonou a luta, os seus activos seguiram a mesma coragem, a mesma decisão de vencer na luta. O nosso próximo comediado será de guerra, guerra contra o regime para bem do Povo.

A LUAR também não entrará nas contumazes alianças de organizações ou grupos políticos. A LUAR só se uniu com quem lutar efectivamente, com quem faça a acção revolucionária.

5 - Frente a expectativa da morte de Salazar é natural que possam surgir as cobças das pessoas, esperança de mudança do regime. Para nós, estas ilusões são fruto de uma abdicção da luta revolucionária.

Para nós, a História não se modifica com a morte de um homem. A natureza de um regime não se altera pela simples mudança de nomes.

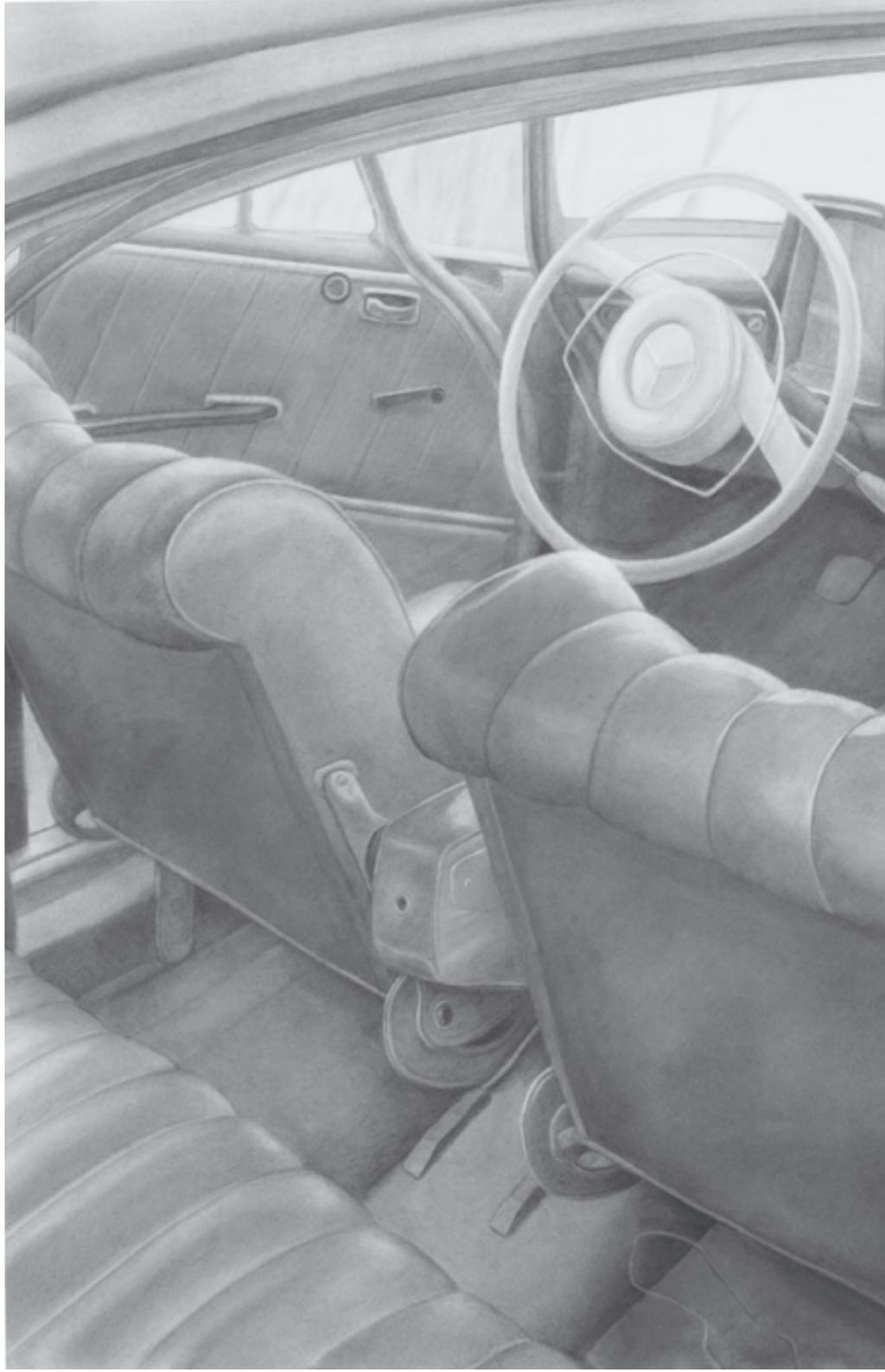
O nosso combate é o combate do Povo Português, dos trabalhadores, da juventude, dos estudantes e intelectuais, na luta contra a Ditadura, a exploração e a guerra colonial.

A LUAR, não deposita as armas até à vitória final.

A LUAR VINCERÁ.

A LUAR,
Setembro de 1968.

Não sei o que é que cá na cadeia hão-de pensar de mim 2008
I don't know what people might think of me here in jail 2008







Mudei também de quarto e agora tenho uma maravilhosa vista sobre o vale do Jamor e o Tejo: é esplêndido. Com este tempo e com esta vista, até apetece fazer não sei o quê de alegria; isto não teria eu se estivesse na Bélgica!!... 2008

I have also moved to another room and now I have a wonderful view of the Jamor Valley and the Tagus River: it's wonderful. With such nice weather and this view, one even feels like doing I don't know what such is the joy; I wouldn't have this in Belgium!!!... 2008





Por favor vos peço, procurem ao menos saber ao certo o que se passa com ela!! 2008

Please, at least try to find out what exactly is going on with her!! 2008

SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO



T2

20/11

SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO

casas, do xbi

Quarta-Feira, 1922!

Faz hoje um mês que ... fui mãe!

Sinto-me, na verdade, como um
bêbê formalizado que quis dar o seu gênio
de vida e viver no mundo, mas, por não
ter ainda completado o seu devido tempo
de gestação, correu grave perigo de mor-
rer e foi metido numa incubadora pa-
ra aí poder completar a sua formação de
indivíduo capaz antes de viver e sobrevi-
ver no mundo com todos os organismos
que se desenvolvem no ventre materno e
se completaram na incubadora; eu também
quise dar o meu gênio de adulto
e construir um mundo, mas, por não
ter completado ainda o meu devido tem-
po de "gestação", correu grave perigo de
morrer e fui metido numa "incubadora"
para aí completar a minha formação de
adulto capaz antes de ser homem e cons-
truir um mundo segundo um ideal
que me foi criado no "ventre materno"
e completado na "incubadora".

Mas não ficaram contentes, como os
Países parecem estar, que o meu gênio de
adulto foi dado com o ter querido ir para
a Bélgica; de modo algum. Na Bélgica
estava, práticamente, tão ligado aos Países
como o estava aqui em Portugal, só

20/9

②

**SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO**

com a diferença de que não estava sobranceiro ao mesmo facto; porque, tanto na Bélgica como em Portugal, na casa do Paiz, sentis sempre a mesma liberdade de movimento e vigilância, tendo a mesma possibilidade de fazer o que quera. Claro, se na Bélgica fizésse uma ameaça escapava ao castigo que teria estando em casa; mas posso dizer-vos que tenho a impressão que não fiz nada que merecesse o vosso castigo — Bem, (foi o "gatozinho de adulto", de que estou agora a sofrer as consequências) só tive uma atitude e uma decisão que, por não serem deitadas dos princípios em que me criaram, poderão ter o vosso reparo. Mas estão seguras que os Paiz terão conhecimento e a disposição e espírito com que as tomei, havendo, ao mesmo, de aceitar (Digo isto porque tenho largamente reflectido sobre elas e não me parece ter sido ameaça).

Foi, de facto, em Bélgica que, pela vida que aí fazia, em que, por um lado era estudante (e, enfim, de família de certo nível social) e por outro fui trabalhador de vários géneros e níveis, entrei em contacto mais directo com uma sociedade de tal natureza organizada em que os que dominavam, ~~dominavam~~, dominavam com todos os direitos e os que eram dominados eram dominados com todos os deveres e em que todos, dominantes e dominados, se vendicavam e compravam uns aos outros.

20/9

(3)

SERVIÇO DE VERIFICAÇÃO

por interesses que lhes poderiam proporcionar ser alguma coisa mais no mundo? (Não posso esquecer a aquela empregada de 15 anos que trabalhava comigo no Zout, lá no hotel e que dizia, nós devemos estar ali muito agrididos aos capitalistas pois, no fim de contas, eles vindo para aqui dão-nos a possibilidade de podermos estar aqui a trabalhar e ganhar dinheiro!!...).

Evidente que isto entrou em conflito com o que tinha vivido e aprendido em casa e orion em mim um desejo ou um de constatar um mundo novo. Mas não acreditam que estão ou ~~isto~~ estão convencidos que esse mundo novo será o comunista e de qualquer "qualidade": qualquer dos tipos de comunismo se me apresenta bem claramente como um envolvimento de uma classe social ou grupo de indivíduos, o que não ocorre de modo algum, ali por princípios de ordem moral que sinto ter sido profundamente arraigados em mim pela educação que recebi.

Continuo preocupado sobre a que posição assumo à Nike: tenho enorme responsabilidade moral pelo que lhe ~~posso~~ acredito: é que eu ainda posso recuar, que me deixe "intencionalmente" enganar, mas ela deu a sua colaboração apenas porque sabe que eu também tinha dado.

Não sei se era a irmã Sr^{ta} Helena de o

299 ⑤
SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO

É o Caetano que faz, até, até os
de qualquer maneira parece-me que sou
também a ser do movimento dele: dizem-
-lhes os parábais e que não me esqueci de
les, só que, quando vos escrevi, me pareceu
parece-me que, enquanto esteve a
instâncias preparatórias do processo não
haverá possibilidade de ler algo do que vos
podi fazer.

Estou de tal maneira convencido de
que isto é um tempo que passa e que pra-
curo aproveitar para a minha formação,
que passa a noção da minha situação
real e volte a escrever, faço grossa anotação
então figura que, enfim, está aí que
foi grossa, mas revela que, de facto, me
esqueço de que aqui estou preso.

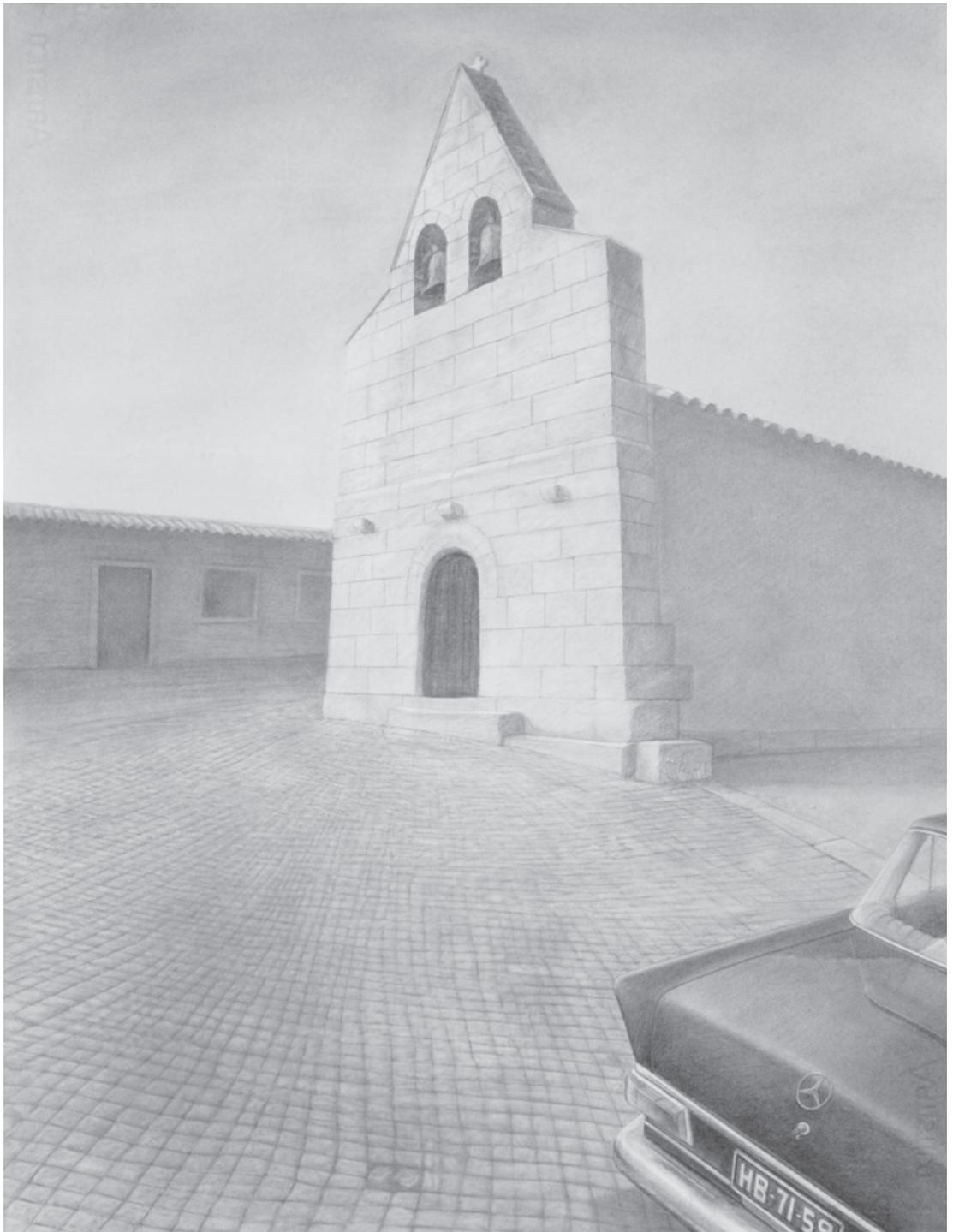
Há uns interiores em plástico de tate
cantando que, por serem em plástico, deve
poder ter coriza. O rapto que me manda
não está de tal maneira velho que se des-
pe um pouco todos os dias. Tenho-me a
mudar de tal maneira grande que mais
parecem garças, mas não sei como é que
poderei voltar-las.

Parece-me que por hoje chega de
"bla-bla"! Desculpem, mas...
Um enorme beijo

Albuquerque

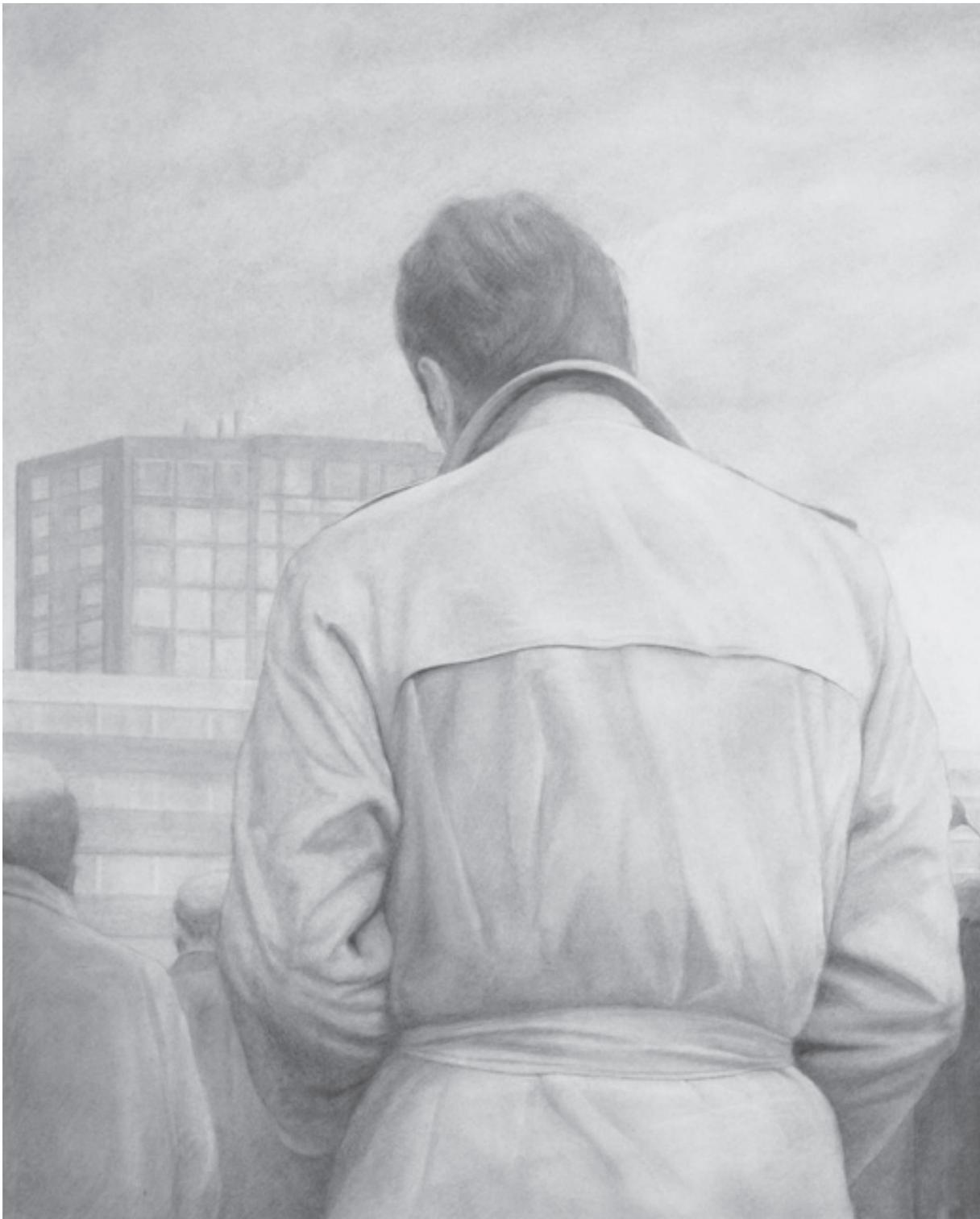
SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO





Quando comecei a descobrir o que era a vida, comecei a não ser católico; mas agora, que tenho que «levar a vida», parece-me que realmente preciso de uma religião 2008

As I started to find out what life is, I became less Catholic; but now that I just need to carry on, I feel that I do need a religion 2008



Mandei, na semana passada, a minha gabardina, que poderá ser usada pelos manos, mas com a condição que não me vão estragá-la 2008

Last week I sent my raincoat that can be worn – but not worn out – by my brothers 2008



Evidentemente que isto entrou em conflito com o que tinha vivido e aprendido em casa e criou em mim um desejo enorme de construir um MUNDO NOVO 2008

Obviously, all this conflicted with what I had lived and learned at home, and started in me the need to build a NEW WORLD 2008





ADOECEU MORTALMENTE

**um dos componentes
do grupo que entrara
clandestinamente no
País em 1 de Agosto**

Da Polícia Internacional e de Defesa do Estado recebemos ontem a seguinte informação:

«Na Cadeia de Caxias, onde se encontrava internado, adoeceu subitamente na manhã de hoje, com um forte ataque de asma-brônquica, o detido Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira, que desde os 11 anos de idade vinha sendo afectado por aquela doença.

Reconhecida pelos médicos assistentes a gravidade do seu estado, foi o mesmo transportado imediatamente, como se impunha, ao Hospital de S. José, onde veio a falecer.

O Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira, que se encontrava em Lovaina, como estudante da Universidade Católica daquela cidade, desde 14 de Abril do ano findo, tinha entrado clandestinamente no País em 1 de Agosto último, para as diligências preparatórias dos actos de terrorismo que o grupo chefiado por Herminio da Palma Inácio pensava levar a efeito no dia 25 daquele mês, em determinada cidade da Beira Baixa.

As tarefas de que vinha incumbido, parte das quais já tinha levado a cabo á data da prisão, demonstram claramente a posição cimeira em que se encontrava na organização terrorista a que pertencia e que designam por «L. U. A. R.» e bem assim a confiança que nele depositavam os seus membros dirigentes, entre os quais o referido Palma Inácio, também detido com parte dos elementos que compunham o seu grupo de acção.»

30-10-1968

UM ESCLARECIMENTO DO MINISTÉRIO DO INTERIOR SOBRE A MORTE DE UM DETIDO EM CAXIAS

Do gabinete do ministro do Interior recebemos a seguinte nota:

«A Polícia Internacional e de Defesa do Estado, em nota publicada nos jornais de 25 do corrente, informou que tinha falecido na manhã do dia 24, no Hospital de S. José, vítima, do por um forte ataque de asma brônquica, Daniel Joaquim de Campos de Sousa Teixeira, que se encontrava preso na Cadeia de Caxias.

Os centros empenhados na especulação política e no desenvolvimento de campanhas difamatórias e subversivas trataram logo a notícia de modo a promover a orquestração dos habituais protestos no País e no estrangeiro.

Por isso, parece conveniente dar uma informação mais completa dos factos, contrariando aquela consciente deturpação e prevenindo as pessoas de boa fé contra enganosas manobras que visam a alteração da ordem e tranquilidade públicas.

Na ficha clínica arquivada na Cadeia consta que o doente sofria de asma desde criança, teve um surto asmático violento no dia 19 de Outubro e foi imediatamente assistido por dois dos dez médicos que prestam serviço naquele estabelecimento prisional — um de clínica geral e outro cardiologista.

No dia 23 já o doente podia tranquilizar o seu pai em postal que lhe dirigiu, informando do ataque que tivera e dando conta de que a assistência médica lhe dera boa impressão e de que dispunha da medicação mais completa possível para uma crise destas.

Porém, no dia 24, cerca das 7 e 30, foi acometido de um novo e forte ataque que o obrigou a chamar o enfermeiro de serviço.

O enfermeiro prestou-lhe assistência, mas, apercebendo-se da gravidade do seu estado, entrou em contacto com o médico que, logo, pelo telefone,

lhe recomendou o tratamento adequado, tendo seguidamente comparecido na cadeia.

A gravidade da situação impôs ainda a presença do cardiologista mas, não tendo sido possível debelar a crise pelos meios de que estes dois médicos dispunham, decidiram a sua transferência imediata para o Hospital de S. José.

O doente não resistiu ao ataque e veio a falecer, no Hospital, cerca das 10 e 30 horas.

O falecimento foi imediatamente comunicado às autoridades competentes e à família do doente, tendo o Instituto de Medicina Legal efectuado a respectiva autópsia, cujo relatório se aguarda.

A Polícia Internacional e de Defesa do Estado foi solicitado pelo pai do falecido Sousa Teixeira para diligenciar no sentido de ser dispensada a autópsia, pedido a que a Direcção da Polícia, contrariadamente, não pode aceder.

Verifica-se pelos elementos recolhidos por este Ministério que não houve da parte dos serviços prisionais qualquer falta a que possa imputar-se o triste acontecimento.»



SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO

CARTA ENVIADA PELAS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES AO PRESIDENTE DO CONSELHO
E AOS MINISTROS DO INTERIOR E DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Por comunicado da P.I.D.E. de 25 de Outubro de 1968, o País foi abalado pela notícia de que tinha falecido no Hospital de S. José, Daniel de Sousa Teixeira, antigo aluno do Seminário dos Olivais e actualmente estudante da Universidade Católica de Lovaina.

O próprio Governo não pôde ficar insensível a este abalo, sentindo-se obrigado a publicar nova nota oficiosa em que pormenoriza os acontecimentos e procura prevenir a opinião pública contra possíveis "especulações políticas".

As AAEE não podem nem devem, obviamente, entregar-se a especulações dessa ordem, nem poderão aceitar que a sua atitude seja como tal interpretada. Não devem, no entanto, dispensar-se de definir uma posição. Tendo sido jogada e sacrificada brutalmente a vida de um estudante consideram seu direito inalienável e não menos seu dever inalienável, não evidentemente discutir o caso concreto, mas extrair dele consequências que se lhes afiguram indeclináveis. Pois não é tolerável que pessoas maiores da Humanidade, os que merecem ser mais intransigentemente defendidos, e sobretudo quando eles são, mais uma vez, postergados na pessoa de um estudante.

Porque assim é, e tendo presente as condições gerais de tratamento dos presos políticos e os processos de actuação da P.I.D.E. - tratamento e processos que consideram gravemente atentórios dos direitos humanos -, solicita a V.Exª que seja aberto imediatamente um inquérito tendente a apurar as responsabilidades daquela morte e as condições que tornaram possível que se repetisse semelhante acontecimento; e que sejam tornados públicos, no mais breve espaço de tempo, os resultados desse inquérito.

SAUDAÇÕES ESTUDANTIS

Lisboa, 4 de Novembro de 1968

AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES

Como já foi amplamente anunciado morreu, enquanto preso às ordens da PIDE, o colega Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira. Segundo o comunicado distribuído à imprensa pela PIDE a morte foi devida a

"... um forte ataque de asma brônquica..."

O colega Daniel Teixeira foi aluno do Seminário dos Olivais até que em Abril de 1967 passou a frequentar a Universidade Católica de Lovaina.

Os estudantes universitários prestaram-lhe uma última homenagem no átrio da Igreja S. João de Deus na Praça de Londres, desfilarão em silêncio e cantando a "Portuguesa" acompanharam o enterro até ao Cemitério de Benfica.

A família enlutada apresentamos as nossas condulências.



Entretanto, muitos estudantes têm enviado ao Presidente do Conselho telegramas em que se pede a abertura dum inquérito às causas e condições da morte do nosso colega.

.. ..

Telegrama aprovado por maioria em Reunião Geral de Alunos de Económicas de 30 de Outubro de 1969 e enviado ao Presidente do Conselho, Ministro do Interior e Ministro da Educação Nacional.

Em Reunião Geral de alunos 30 Outubro estudantes Económicas protestam pela falta de abertura de inquérito acerca morte colega Daniel Teixeira o que revela que há factos obscuros que as autoridades

À saída do enterro algumas dezenas de estudantes manifestaram-se gritando "Slogans". A polícia que durante o enterro já estava de prevenção à saída do cemitério, carregou, dispersando-os.

entenderam não convirem ser reveladas STOP

Mais se exige a abertura imediata de um inquérito não só a este caso concreto mas a todas as actividades da PIDE em relação aos estudantes presos nos últimos anos pois como é do conhecimento geral há irregularidades que poderão ser comprovadas nas actividades desta polícia.

REUNIÃO GERAL DE ALUNOS DO ISCEF

Também o 39 ano de elect. do IST enviou um telegrama de protesto

Recordemos ainda a Declaração do Movimento Associativo Português que no § II, alínea c) diz:

MORREU

JULGAMENTOS DE ESTUDANTES

Foram julgados no Porto nove pessoas acusadas de pertencerem ao Partido Comunista Português e a outras "associações clandestinas do género".

De entre os acusados faziam parte os colegas Dúlia Pereira Maia (esposa do escritor Nuno Rebocho, também preso) e João Mendes dos Santos.

A colega Dúlia foi condenada a 3 anos e 3 meses de cadeia e o João Mendes foi absolvido.

.. ..

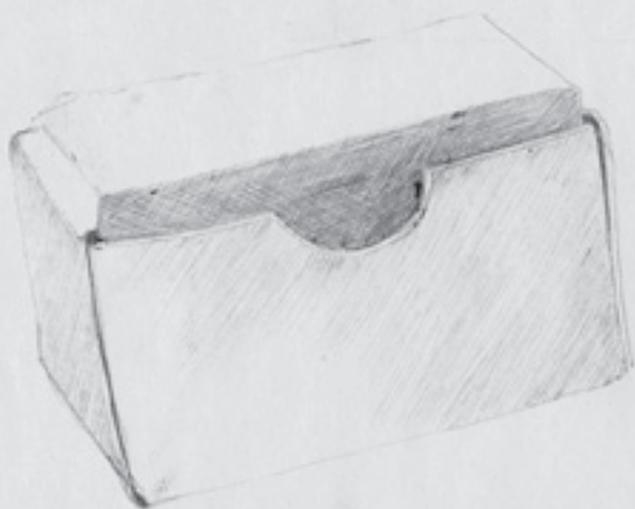
Começou no dia 22/10/68 o julgamento no Plenário Criminal de Boa Hora de 3 estudantes que juntamente com mais 4 pessoas são acusados de participação na Frente de Acção Popular (FAP) e condução de actividades subversivas contra a segurança do Estado.

São eles:

- Rui Lopes Cardoso, 21 ano, estudante liceal
- Jorge Manuel Sénico Galamba Marques, 28 anos, e
- Alexandre José Alinho Martins de Oliveira, 22 anos, quintanista da faculdade de Direito de Lisboa.

Como movimento Sindical, o Movimento Associativo Português, para alcançar os seus objectivos finais, defende como métodos de acção:

Defesa das liberdades fundamentais, da liberdade de associação e reunião, liberdade de imprensa, livre expressão de pensamento, aplicação de todas as garantias e direitos individuais consagrados na Constituição e na Declaração dos Direitos do Homem.



SERVIÇO
DE
VERIFICAÇÃO



Senhor Ministro do Interior

Exposições
do nosso País
já acabou por
não ser entregue

Excelência:

Ainda sob o doloroso sofrimento moral, causado pela perda de um filho, não posso deixar de vir, respeitosamente, apresentar a V.Ex.^a o mais vivo protesto contra o comunicado publicado na imprensa diária, no dia 25 do corrente mês, pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado a respeito do falecimento do meu filho Daniel Joaquim Campos de Sousa Teixeira, que se encontrava preso na Cadeia de Caxias.

O comunicado começa por infermar duma falsidade, ao afirmar que o meu filho "adoeceu subitamente", como se pretende fazer crer ao público.

Ao contrário, já no sábado, dia 19 do corrente, quando o fui visitar á Cadeia de Caxias, encontrei-o com um forte ataque de asma, que me deixou, e á Mãe e Irmã, imensamente preocupados. Tanto que, nessa altura, fiz logo notar ao Snr. Agente que acompanhava a visita que, se fosse necessário qualquer tratamento especial, inclusive aplicação de oxigénio para aliviar o sofrimento do meu filho, me responsabilizava por todas e quais despesas.

No dia 21, meu filho escreveu-nos uma carta em que textualmente nos diz o seguinte:

"..... eu sou um asmático de vida inteira e com milhentas crises e o mesmo número de ataques a elas; tenho por isso mais ou menos consciencia das maneiras mais eficazes de as atacar para que sejam rapidamente vencidas."

Por consequência, a doença não foi subita.

Daquela frase, por mim sublinhada, da carta do meu filho, há que concluir que não foram tomadas as providências mais eficazes de atacar as crises, para que fosse rapidamente vencida; e, do comunicado que a P.I.D.E. se apressou a publicar, se não duvido que o meu filho tenha sucumbido a um ataque de asma, fica-me quasi, se não totalmente, a certeza de que houve, sim, negligência e incuria, o que não pode deixar de ser grave.

Acresce que, como o comunicado elucidada o público, a P.I.D.E. tinha conhecimento de que o meu filho sofria da doença desde os 11 anos de idade, o que agrava a sua posição.

De facto sucedia que, não desde os 11 anos, mas desde os 11 meses, o meu filho sofria de asma, tendo passado por crises gravíssimas que foram vencidas com a sabedoria dos medicos assistentes, com os tratamentos e cuidados adequados e, acima de tudo, com a graça de Deus.

A última crise grave que teve foi na Bélgica, onde, ainda que afastado dos seus familiares, ela foi debelada porque tendo sido a tempo transportado para uma clinica, recebeu tratamento eficiente.

- Porque tal não sucedeu com esta crise ?

Não acreditamos, porque temos Fé, que a graça de Deus lhe tenha faltado.

Quais foram os "médicos assistentes" que reconheceram a gravidade do estado do meu filho, ás 8,30 horas do dia 24 do corrente ?

Porque não foram, imediatamente, avisados os pais ?

Porque não foi aplicado oxigénio ao meu filho ?

Porque o meu filho não foi transportado e alojado, a tempo, no Hospital Prisão, que fica a escassos metros de distancia da ~~Rix~~ Cadeia ? Com recei de que fugisse ? Seria incapaz de o fazer, porque desde o principio tomou inteira responsabilidade do seu acto; e, no estado em que estava, não teria forças para o fazer.

Por mais criminoso que o meu filho fosse, tinha todo o direito, como Homem, a uma vigilância e assistência médica diligente e cuidada, o que se me afigura que não houve e que o comunicado da P.I.D.E, procurando salvaguardar, poz mais em evidência.

Diz-se, então, no comunicado que foi levado para o hospital de S. José " como se impunha ". Não. Ele só foi para ali, quando já não havia nada a fazer, para que se não dissesse que havia morrido na cadeia da P.I.D.E.

Por outro lado, o comunicado da P.I.D.E. não é mais que um libelo acusatório, contra todos os principios morais e, até, ilegal.

Imoral, porque é uma pública acusação a uma pessoa que, por ter falecido, já se não pode defender. E mater num morto.

Ilegal, porque encontrando-se o processo ainda em instrução preparatória, sem despacho de pronuncia, com trânsito em julgado, apesar de já terem decorrido mais de dois meses, está em segredo de justiça e, por consequência, foi contra todas as normas de direito a comunicação feita pela P.I.D.E ao público.

Nem mesmo que o meu filho tivesse procurado fugir á sua responsabilidade, suicidando-se, se justificariam os termos do comunicado.

Ao falecimento do arguido, apenas, se segue a junção aos autos da respectiva certidão de óbito e o arquivamento do processo.

Jamais a sua acusação postuma.

Foi violado um dos mais elementares principios da moral: o respeito pelos mortos. Perante eles, todo o Homem se curva.

O que pretendeu a P.I.D.E. com o seu comunicado ao público ?

Atribuir publicamente ao meu filho, por já estar morto, a " posição cimeira " na " organização terrorista ", para ilibar a responsabilidade dos mais responsaveis ?

O meu filho era um jovem de 22 anos, inexperiente, que jamais fizera parte de qualquer organização politica, ou terrorista, que não era comunista, como o afirmou expressamente, que era, apenas, um idelista e que, embora tardiamente sem possibilidade de se desligar, reconheceu que o " L. U. A. R. ", não era o seu ideal.

Se foi aquela a intenção da P.I.D.E. com o seu comunicado, eu e minha Mulher, oferecemos a Alma do nosso filho, como vitima imolada, pela libertação de todos os seus companheiros.

Ou, terá a P.I.D.E. pretendido provocar uma indignação pública contra a Alma do meu filho ?

Se foi esta a pretensão, estou certo de que não o conseguiu; bem pemo contrário, conseguiu, sim, a indignação geral contra a sua própria organização e, até, contra a Politica Nacional.

A reacção foi imediata e expontanea.

No momento em que, junto á urna de meu filho, chorava a sua perda, diversas pessoas, que me eram completamente desconhecidas e perante o meu espanto, se me dirigiram a felicitar por ter tido um filho que consideravam um " Heroi ", quando eu jamais o tinha considerado. Para mim, seu pai, foi um infeliz.

Uma jovem desconhecida, silenciosa e respeitosa, curvou-se perante o cadaver do meu filho, sobre ele deixando duas singelas rosas. Em seguida, vi-a durante a missa, com outros jovens, tambem, desconhecidos, abeirar-se da Sagrada Eucaristia.

Uma " Mãe Portuguesa ", como se intitulou, veio consohar-me na minha dor.

Como Português, eleva-se-me a alma ao ouvir o Hino Nacional;

mas foi com sincera amargura que o ouvi á porta da Igreja de S. João de Deus, quando safa o funeral. O cõro dos jovens, chocou-me profundamente.

Ceguei a indignar-me ao pensar que se pretendia especular politicamente com o meu filho que, por desgraça sua, ali jazia inerte.

E, se não fora a minha intervenção e de pessoas amigas, talvez, outros actos se teriam verificado no cemitério, onde se procurava angariar assinaturas para um telegrama a enviar a Sãa Ex^{ta}. o S^{nr}. Presidente do Conselho. Compreendendo a minha dor, os jovens portaram-se, então, com respeito e dignidade. Não foi necessária a intervenção da Polícia, que acorreu ao cemitério.

Tudo isto me era estranho, porque ignorava o comunicado da P.I.D.E. que, generosamente, os meus filhos e pessoas amigas quiseram esconder-me.

Hoje, chego a considerar justificadas aquelas manifestações, como protesto a um comunicado da P.I.D.E. a todos os titulos cruel e desumano, para alem de menos verdadeiro, imoral e ilegal, como já acentuei.

Para mim foi uma dolorosa surpresa, pois, por dever de justiça, não quero deixar bem patente a minha gratidão pela forma correcta e pelas atenções que sempre recebi, - ainda que consciente de as ter merecido -, por parte de certos elementos da Corporação, especialmente dos Ex^{ms}. Senhores Sub-Director Saqueti e Inspectores Mortagua, Abilio Pires e Seixas, que se referiram ao meu filho em termos que me deixaram emocionado, salientando a sua correcção, a sua educação e o seu comportamento.

E, portanto, com profunda mágua que, em respeito e defesa da memória do meu filho, morto em circunstâncias tão infelizes, venho apresentar o meu mais veemente protesto contra os termos do comunicado da P.I.D.E., distribuido á imprensa diário e publicado no dia 25 do corrente e que, segndo informações recebidas, até, foi radio-difundido e radiotelevisonado.

Ainda que assaz me fosse penoso, fui o primeiro a compreender que, para defesa de especulações politicas, não fosse dispensada a autópsia do meu filho.

Mas, porque o comunicado da P.I.D.E. me deixa sérias dúvidas, o que, aliás, estou certo, sucedeu, se não á maioria, mas a grande parte do público, requeiro a V.Ex^{ta}. se digne ordenar a que se proce-

da a inquérito sobre a vigilância e assistência médica a que o meu filho foi sujeito, e que me seja facultada ~~xxxxxxxxxx~~ uma cópia do resultado da autópsia.

Requeiro-o não por mim, que tive a infelicidade de perder o meu filho, mas para defesa de todos quantos, por infelicidade, possam estar doentes na Prisão de Caxias e necessitem duma assistência médica eficiente.

Muito respeitosamente,

Pede deferimento.



10 de Outubro de 1968 2008
October 10, 1968 2008



12. 27.X. 68

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

Gabinete do Presidente

Meu querido amigo:

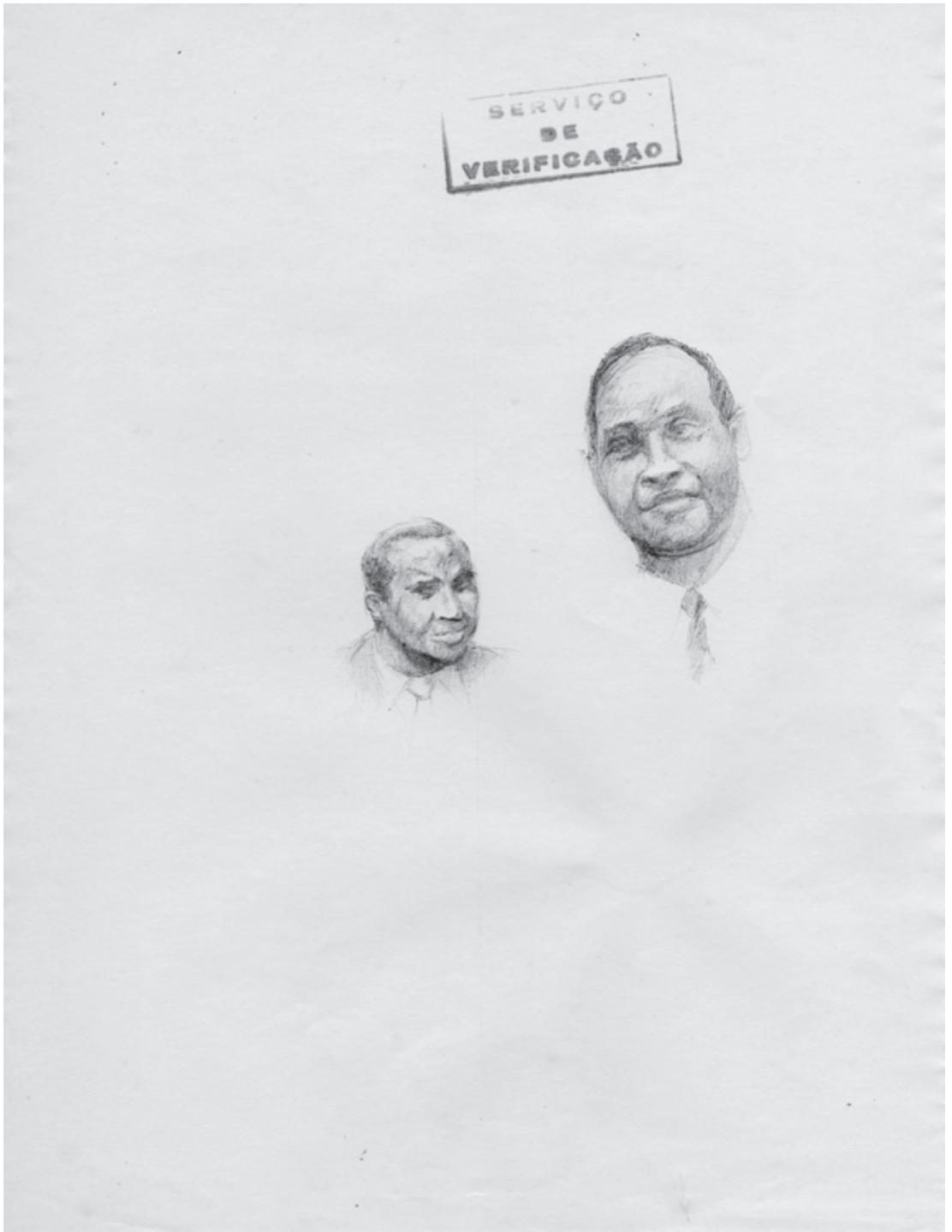
Soube casualmente que o pobre rapaz falecido há dias em Lacerias era seu filho e quero dizer-lhe quanto essa circunstância me contristou, pela simpatia e apreço que há tantos anos lhe

tribuído em reticências, aliás, de atencões recebidas desde que tive o prazer de o ter como aluno. Sinto muito o desejo dos pais e peço-lhe transmita a sua esposa, minha senhora, os meus sentimentos.

As informações e os documentos que mandei vir à minha presença sobre o caso parecem isentar de responsabilidade, por completo, os serviços da Polícia. Agradecerei, porém, que me dissesse se tem alguma razão de queixa pois no caso afirmativo mandarei instaurar inquerito em forma.

Cria-me seu amigo wr. att!

Nereu de Azevedo.



17 de Outubro de 1968 2008
October 17, 1968 2008

Sem dúvida que até aqui a vida “aconteceu” apenas porque “aconteceu”. Mas agora que me parece ter encontrado a vida e que ela poderá acontecer porque eu queria que “acontecesse”, vejo que nada pode “acontecer”! É tremendo, sabem?! 2008
Without doubt until now life “has happened” simply because it “happened”. But now it seems like I have found life and it could finally “happen” because I wanted it to, I realize that it can't “has happen” at all. It's terrible, you know?! 2008





Introduction

Miguel Amado

Portugal and history have lost touch with each other on successive occasions throughout the 20th century. The endless dictatorship, with the consequent dragging on of colonialism, marked the country politically, economically and culturally. Going against the grain of Europe beyond the Pyrenees, Portugal lost itself in the twisting paths of the “labyrinth of longing” - as the scholar Eduardo Lourenço defined the Portuguese condition at the end of the seventies - and still today it is looking for the light at the end of the tunnel, with its “fear of existing”, as the philosopher José Gil stated in 2004. Being self-absorbed in formal speculations resulting from post-World War II modernism, after the 25th of April revolution artistic production alienated itself from an analysis of Portuguese reality, whether contemporary or from the recent past. The rarity with which artists deal with pressing issues for society leads to renewed hope whenever a project fits into these premises. This is the case of “Néquim”, by Nuno de Campos, which examines events from 1968, a special year for the western world in general and for Europe and Portugal in particular.

Nuno de Campos took inspiration from the life of Daniel de Sousa Teixeira, known as “Néquim” to his family and close friends. According to the official version by the Portuguese regime, Daniel de Sousa Teixeira died of an attack of bronchial asthma in São José Hospital in Lisbon on the morning of the 24th of October 1968. PIDE, the Portuguese Secret Police, had arrested him two months earlier, after his involvement in the ill-fated armed uprising by the revolutionary organisation LJAR aimed at temporarily taking the city of Covilhã. In Caxias Prison, Daniel de Sousa Teixeira corresponded with his family, writing about his daily life and reflecting on his personal trajectory. Although he was aware of the scrutiny carried out by the censors, in these letters he dealt with, for example, his Roman Catholic background and his vocation for the priesthood, his departure from Portugal and time in Leuven in order to study Psychology, his involvement with a young Belgian woman, his initiation into the LJAR organisation and, between the lines, his condition as a political prisoner at the age of 22.

Nuno de Campos has developed a series of charcoal drawings in a realistic style and inspired by sentences chosen from among these letters. Each image translates a thought through a determined proposition. For example, a view of the Trás-os-Montes region, where PIDE arrested Daniel de Sousa Teixeira, has the caption “In LJAR, I didn’t even have time to think”, thus showing the doubts that haunted his mind. A perspective of a Lisbon street, with the

Introdução

Miguel Amado

Portugal e a História desencontraram-se, sucessivas vezes, ao longo do século XX. A interminável ditadura, com o conseqüente arrastar do colonialismo, marcaram o país política, económica e culturalmente. Em contra-ciclo com a Europa além-Pirinéus, Portugal perdeu-se nos sinuosos caminhos do «labirinto da saudade» - como Eduardo Lourenço definiu a condição portuguesa em finais da década de 1970 - e, ainda hoje, procura a luz ao fundo do túnel, com o seu «medo de existir», como referiu, em 2004, José Gil. Ensimesmada em especulações formais devedoras do modernismo do pós-II Guerra Mundial, a produção artística alheou-se, no rescaldo do 25 de Abril de 1974, da análise da realidade nacional, tanto contemporânea como do passado recente. A raridade com que os artistas debatem problemáticas prementes da sociedade suscita renovadas esperanças sempre que um projecto se enquadra nestas premissas. Tal é o caso de «Néquim», de Nuno de Campos, que examina acontecimentos de 1968, um ano especial do mundo ocidental, em geral, e da Europa e de Portugal, em particular.

Nuno de Campos inspirou-se na vida de Daniel de Sousa Teixeira, conhecido como «Néquim» entre os seus familiares e amigos próximos. Segundo a versão oficial do regime, Daniel de Sousa Teixeira faleceu no Hospital de São José, vítima de um ataque de asma brônquica, na manhã de 24 de Outubro de 1968. A PIDE prendera-o dois meses antes, na sequência do seu envolvimento na malograda operação armada da organização revolucionária LJAR, que visava a tomada temporária da cidade da Covilhã. Na Prisão de Caxias, Daniel de Sousa Teixeira correspondeu-se com a família, relatando o quotidiano e reflectindo acerca da sua trajectória pessoal. Embora consciente do escrutínio efectuado pela censura, nestas missivas abordou, por exemplo, a formação católica obtida e a vocação para o sacerdócio, a partida de Portugal para Louvain, no sentido de estudar Psicologia, o envolvimento com uma jovem belga, a iniciação na LJAR e, nas entrelinhas, a situação de preso político aos 22 anos.

Nuno de Campos desenvolveu numa série de grandes desenhos executados a carvão, com carácter realista, inspirados em frases escolhidas daquelas cartas. Através de uma determinada proposição, cada imagem traduz um pensamento. Por exemplo, uma vista de Trás-os-Montes, onde a PIDE deteve Daniel de Sousa Teixeira, legenda-se com «Na LJAR, não tive tempo para sequer pensar», demonstrando, assim, as dúvidas que assolaram o seu espírito. Já à perspectiva de uma rua de Lisboa, com a característica arquitectura do Estado Novo, ajusta-se a passagem «Evidentemente que isto entrou em conflito com o que tinha vivido e aprendido em casa e criou em mim um desejo enorme de construir

characteristic architecture of the Estado Novo (New State), is linked to the passage "This obviously came into conflict with what I had lived and learned at home, and created in me an enormous desire to build a NEW WORLD", showing the idealism that defined Daniel de Sousa Teixeira's personality. However, not all the excerpts chosen reveal an introspective tendency; for example, one expresses a triviality about a gabardine sent to his brothers, that they could wear with no problems as long as they didn't ruin it.

Other, smaller scale, works are counterpoised to these, carried out in a free style and only titled with dates between September and October 1968. These are simulations of possible sketches made by Daniel de Sousa Teixeira himself whilst held prisoner. In them one may see, for example, weapons like those used by UJAR, the chair that Salazar fell off that summer and the portrait of José de Sousa Teixeira, the omnipresent father figure. This body of work is completed by a set of documents, placed on-line on a site created for this purpose and partially reproduced in the catalogue - among others, these include some press cuttings, Daniel de Sousa Teixeira's prison register, a request to the Ministry of the Interior written by his father and a note to his father written by Marcello Caetano, the Prime Minister. In appealing to collective memory, but mixing facts with fiction, Nuno de Campos represents the paradoxes of Daniel de Sousa Teixeira's biography, divided between the sense of patriotism and individual responsibility inherited from his upbringing and the emancipating spirit he embraced abroad.

This exhibition enunciates the ideological contradictions of a special period in Portugal, Europe and the western world. On the one hand were blowing the winds of hope from the protests against the Vietnam War, from the France of May 68 and from the renewal of the New State under the leadership of Marcello Caetano. However, hovering above were also the spectre of the Cold War, the Iron Curtain and Salazarism. The false "Marcellist Spring" shows how, in the Portuguese context, the reigning social system resisted the transformation in mentalities demanded by the intellectual circles, in which an increasingly restless youth was growing up. Daniel de Sousa Teixeira, the son of rare interracial, urban, middle-class marriage used to the poor yet honourable subsistence granted to the people by Salazar, became involved in a mesh of promises, paying for daring to dream with his own life. In bringing together micro-experience with major narrative, Nuno de Campos is proposing an original reading of Portugal at the end of the 1960s seen in the light of today.

um MUNDO NOVO», revelando, pois, o idealismo que definia a personalidade de Daniel de Sousa Teixeira. Contudo, nem todos excertos seleccionados relevam de um pendor introspectivo; por exemplo, um exprime uma trivialidade como uma gabardina enviada para os irmãos, que estes usariam, à vontade, desde que a não danificassem.

A estas obras contrapõem-se outras, de pequena escala, realizadas em estilo livre, intituladas apenas com datas compreendidas entre Setembro e Outubro de 1968. Trata-se de simulações de eventuais esboços feitos pelo próprio Daniel de Sousa Teixeira enquanto recluso. Nestes, vislumbram-se, por exemplo, armas como as utilizadas pela LJAR, a cadeira da qual caiu Salazar nesse Verão e o retrato de José de Sousa Teixeira, figura paternal omnipresente. Completa este corpo de trabalho um conjunto de documentos, colocados em linha num sítio criado para esse efeito e parcialmente reproduzido no catálogo - entre outros, diversos recortes de imprensa, a ficha prisional de Daniel de Sousa Teixeira, um requerimento ao Ministro do Interior redigido pelo seu pai e uma nota de Marcello Caetano a este endereçada. Ao apelar à memória colectiva mas cruzando factos com ficção, Nuno de Campos representa os paradoxos da biografia de Daniel de Sousa Teixeira, dividido entre o sentido de patriotismo e responsabilidade individual herdado da sua educação e o espírito emancipador abraçado no estrangeiro.

Nesta exposição, enunciam-se as contradições ideológicas de uma época especial de Portugal, da Europa e do mundo. De um lado, sopravam os ventos de esperança dos protestos contra o conflito no Vietname, da França do Maio de '68 e da renovação do Estado Novo sob os auspícios de Marcello Caetano. Todavia, pairavam também o espectro da Guerra Fria, da Cortina de Ferro e do Salazarismo. A defraudada «Primavera Marcelista» demonstra como, no contexto português, o sistema social vigente resistia à transformação das mentalidades exigidas pelos círculos progressistas, nos quais despontara uma juventude crescentemente inquieta. Daniel de Sousa Teixeira, filho de um raro casal inter-racial da classe média urbana consolada com a pobre mas honrada subsistência legada ao povo por Salazar, enredou-se numa malha de promessas, pagando com a própria vida a ousadia de sonhar. Ao articular micro-experiência com grande narrativa, Nuno de Campos propõe uma original leitura do Portugal de finais da década de 1960 à luz dos nossos dias.

Lista de obras e de documentos

List of Works and Documents

p. 5

Retrato de Daniel Joaquim de Sousa Teixeira, Verão de 1968

Portrait of Daniel Joaquim de Sousa Teixeira dated Summer 1968

p. 6-7

Notícia do jornal «Diário da Manhã» de 23 de Agosto de 1968

“Diário da Manhã” newspaper clipping dated August 23, 1968

p. 8

Ficha prisional de Daniel Joaquim de Sousa Teixeira

Prison record of Daniel Joaquim de Sousa Teixeira

p. 9

5 de Setembro de 1968 2008

September 5, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 20,7 cm

p. 10-11

Na LUAR, não tive tempo para sequer pensar 2008

At LUAR I didn't even have time to think 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

105 x 140 cm

p. 12-13

Comunicado da LUAR de Setembro de 1968

Communiqué by LUAR, a Portuguese revolutionary organization, dated September 1968

p. 14-15

Não sei o que é que cá na cadeia hão-de pensar de mim 2008

I don't know what people might think of me here in jail 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

89 x 125 cm

p. 16-17

Mudei também de quarto e agora tenho uma maravilhosa vista sobre o vale do Jamor e o Tejo:

é esplêndido. Com este tempo e com esta vista, até apetece fazer não sei o quê de alegria;

isto não teria eu se estivesse na Bélgica!!... 2008

I have also moved to another room and now I have a wonderful view of the Jamor Valley and the Tagus River:

it's wonderful. With such nice weather and this view, one even feels like doing I don't know what such is the

joy; I wouldn't have this in Belgium!!!... 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

89 x 140 cm

p. 18

Por favor vos peço, procurem ao menos saber ao certo o que se passa com ela!! 2008

Please, at least try to find out what exactly is going on with her!! 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

102 x 63 cm

p. 19

9 de Setembro de 1968 2008

September 9, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 19,5 cm

p. 20-23

Carta de Daniel Joaquim de Sousa Teixeira enviada à família a 20 de Setembro de 1968

Letter by Daniel Joaquim de Sousa Teixeira mailed to his family dated September 20, 1968

p. 24

15 de Setembro de 1968 2008

September 15, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 20,7 cm

p. 25

Quando comecei a descobrir o que era a vida, comecei a não ser católico;
mas agora, que tenho que «levar a vida», parece-me que realmente preciso de uma religião 2008

As I started to find out what life is, I became less Catholic; but now that I just need to carry on, I feel that I do need a religion 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

76,5 x 58 cm

p. 26-27

Mandei, na semana passada, a minha gabardina, que poderá ser usada pelos manos,
mas com a condição que não me vão estragá-la 2008

Last week I sent my raincoat that can be worn – but not worn out – by my brothers 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

89 x 140 cm

p. 28-29

Evidentemente que isto entrou em conflito com o que tinha vivido e aprendido em casa e criou em mim um desejo enorme de construir um MUNDO NOVO 2008

Obviously, all this conflicted with what I had lived and learned at home, and started in me the need to build a NEW WORLD 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

110 x 140 cm

p. 30

Notícia em jornal não identificado, presumivelmente de 25 de Setembro de 1968

Non-identified newspaper clipping, presumably dated September 25, 1968

Notícia em jornal não identificado de 30 de Outubro de 1968

Non-identified newspaper clipping dated October 30, 1968

p. 31

20 de Setembro de 1968 2008

September 20, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 19,5 cm

p. 32

Carta das Associações de Estudantes enviada ao Presidente do Conselho e aos Ministros do Interior e da Educação Nacional em 4 de Novembro de 1968

Letter by the Students Associations mailed to the Prime Minister and the Ministers of the Interior and of National Education dated November 4, 1968

p. 33

Notícia em jornal estudantil não identificado de Novembro de 1968

Non-identified student newspaper clipping dated November 1968

p. 34-35

5 de Outubro de 1968 2008

October 5, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

20,7 x 27 cm

p. 36-40

Requerimento de José de Sousa Teixeira ao Ministro do Interior (não submetido)

Petition by José de Sousa Teixeira addressed to the Portuguese Ministry of the Interior (not filed)

p. 41

10 de Outubro de 1968 2008

October 10, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 20,7 cm

p. 42

Carta de Marcello Caetano enviada a José de Sousa Teixeira a 27 de Outubro de 1968

Letter by Marcello Caetano, the Portuguese Prime Minister, mailed to José de Sousa Teixeira dated October 27, 1968

p. 43

17 de Outubro de 1968 2008

October 17, 1968 2008

Esferográfica e jacto de tinta s/ papel Ballpoint pen and inkjet on paper

27 x 20,7 cm

p. 44-45

Sem dúvida que até aqui a vida «aconteceu» apenas porque «aconteceu». Mas agora que me parece ter encontrado a vida e que ela poderá acontecer porque eu queria que «acontecasse», vejo que nada pode «acontecer»! É tremendo, sabem?! 2008

Without doubt until now life “has happened” simply because it “happened”. But now that it seems like I have found life and it could finally “has happen” because I wanted it to, I realize that it can’t “happen” at all. It’s terrible, you know?! 2008

Carvão s/ papel Charcoal on paper

140 x 180 cm

Biografia

Biography

Nuno de Campos (Porto, 1969) estudou Pintura na Universidade do Porto em inícios da década de 1990 e, em 1999, concluiu o mestrado em Artes Plásticas na Tufts University/School of the Museum of Fine Arts, em Boston, MA. Actualmente, vive e trabalha em Nova Iorque. Realizou exposições individuais na Clifford-Smith Gallery, em Boston, MA (2001 e 2003), na LFL Gallery, em Nova Iorque (2003), e na La Montagne Gallery, em Boston, MA (2008). Participou, ainda, em múltiplas exposições colectivas, tais como «Realistic Means», no The Drawing Center, em Nova Iorque (2002), e «Extended Painting», integrada na 2ª Bienal de Praga (2005). Expôs, pela primeira vez, em Portugal, em 2005, apresentando o projecto «Bichos nossos, nossos bichos» no Espaço AC, em Lisboa. Desde então, fruto de um crescente reconhecimento do seu trabalho no nosso país, participou em exposições colectivas como «Desenhar discurso: digressões sobre uma urbanidade disruptiva», integrada na 13ª Bienal de Cerveira (2005), e «Lá fora», na Fundação EDP, em Lisboa (2008). «Néquim», promovida pela Fundação PLMJ, é a sua segunda exposição individual em Portugal.

Nuno de Campos (Oporto, 1969) studied Painting at the Universidade do Porto in Oporto in the early 1990s and graduated in Visual Arts at the Tufts University/School of the Museum of Fine Arts in Boston, MA in 1999. He currently lives and works in New York. He has had solo shows at the Clifford-Smith Gallery in Boston, MA (2001 and 2003), LFL Gallery in New York (2003), and La Montagne Gallery in Boston, MA (2008). He has also participated in group shows such as “Realistic Means” at The Drawing Center in New York (2002) and “Extended Painting” as part of the 2nd Prague Biennale (2005). In Portugal, his first solo show was “Bichos nossos, nossos bichos”, held at Espaço AC in Lisbon in 2005. Since then, due to a growing recognition of his work in the country, he has participated in group shows such as “Desenhar discurso: digressões sobre uma urbanidade disruptiva” as part of the 13th Bienal de Cerveira (2005), and “Lá fora” at the Fundação EDP in Lisbon (2008). “Néquim”, organized by the Fundação PLMJ, is his second solo show in Portugal.

Exposição
Exhibition

Comissariado Curator
Miguel Amado

Montagem Installation Team
Superfície Pictórica

Catálogo
Catalogue

Concepção editorial e redacção Editor and Writer
Miguel Amado

Concepção gráfica Designer
Paulo Côrte-Real

Fotografia Photographer
Lajos Geenen

Tradução Translator
David Alan Prescott

Pré-impressão e impressão Printer
Guide – Artes Gráficas

Edição Publisher
Fundação PLMJ

Proporção Proportion
1:35 (17 x 23 cm)

Papel Paper
Cromo 240 gr/m² (Capa Cover)
Couché mate volume 150 gr/m² (Miolo Interior)

Tipo de letra Typeface
Helvética Condensed e and Trixie

Tiragem Print Run
1500 exemplares copies

ISBN
978-972-99935-9-6

